



# III EBE | III ENCONTRO BAIANO DE CULT | ESTUDOS EM CULTURA



## **Presença crioula – antroponímia e perfil socioeconômico dos integrantes da Sociedade Protetora dos Desvalidos (Fontes para o estudo da História da Cultura Escrita)**

Fernanda da Silva Machado<sup>1</sup>

**Área de Estudos/Interesse deste trabalho:** Cultura, região, territórios e fronteiras (História da Cultura Escrita).

**Resumo:** Partindo da análise de parte de uma inédita base de dados – o acervo documental da Sociedade Protetora dos Desvalidos (SPD), encontrado por Klebson Oliveira (2001) –, que revela, por um lado, a inexatidão da (amplamente) suposta ausência de textos grafados por africanos e seus descendentes durante o regime escravagista brasileiro e, por outro, a inserção do segmento negro da população brasileira na cultura escrita, este trabalho carrega um propósito duplo: 1. adensar o campo de estudos da Onomástica no Brasil, com referência ao segmento afrodescendente, grupo social que mais contribuiu para a difusão espaço-temporal da língua portuguesa no Brasil, para isso, rastreando os padrões antroponímicos dos membros da SPD; 2. permitir a visualização mais nítida do perfil socioeconômico do segmento afrodescendente de Salvador, do final do século XIX ao final do século XX, o que pode auxiliar na construção de um novo olhar sobre a atuação dos negros para a História da Cultura Escrita no Brasil. Com isso, poderá ser preenchida uma lacuna histórica, respondendo a perguntas do tipo quem foram esses negros? e que papel social desempenhavam?. A contribuição deste trabalho para isso será a construção do perfil social dos membros integrantes da SPD desde a sua fundação, em 1832 até os dias de hoje com base nos dados constantes, de modo sistemático, no livro de matrículas (nome, filiação, idade, profissão, estado (civil), cor e naturalidade, data da matrícula (dia, mês e ano) e os números de matrícula e de sócio).

Palavras-Chave: História da Cultura. História da Cultura Escrita. Linguística Histórica.

---

<sup>1</sup> **Instituição de vínculo:** PPGEL/UNEB – Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem/ Universidade do Estado da Bahia. **E-mail:** [fnandasmachado@yahoo.com.br](mailto:fnandasmachado@yahoo.com.br) **Prof<sup>a</sup> Orientadora:** Tânia Conceição Freire Lobo (UFBA – Universidade Federal da Bahia).

## **Presença crioula – antroponímia e perfil socioeconômico dos integrantes da Sociedade Protetora dos Desvalidos (Fontes para o estudo da História da Cultura Escrita)**

### **Apresentação**

Este é um estudo partícipe de um esforço coletivo do projeto “Escrever entre os seus: o acervo documental da Sociedade Protetora dos Desvalidos”, filiado à linha de pesquisa “História da Cultura Escrita no Brasil” na qual atuam pesquisadores do PROHPOR/UFBA (Programa para a história da língua portuguesa – Universidade Federal da Bahia).

Um novo olhar sobre a concepção de cultura tornou possível o advento, no final do século XX, da História Cultural ou da História Social da Cultura. Antes dela, os objetos de análise dos historiadores da cultura concerniam a uma visão não antropológica de cultura, sendo contemplada somente a cultura oficial, institucionalizada, canônica, sem vínculo com a sociedade, persistia a visão de uma história da cultura que se limitava “a examinar estilisticamente certos objetos culturais – geralmente pertencentes à “grande” Arte ou à “grande” Literatura – como se estes objetos pudessem ser abordados de maneira autônoma, mais ou menos desvinculados da sociedade que os produziu”, conforme afirma José D’Assunção Barros (2005, pp.126,127). Ainda segundo esse mesmo estudioso, o que esses historiadores ignoravam, era o fato de que a noção de cultura englobar muito mais do que aquilo preservado pelos arquivos públicos, o fato de que o homem já produz cultura ao existir “sem que para isto seja preciso ser um artista, um intelectual ou um artesão”. (BARROS, 2005, p. 127)

Fugindo a essa noção restrita de cultura, a História Cultural passou a contemplar em seus estudos a cultura popular, o cotidiano e objetos culturais em sentido amplo, não somente as obras-primas, buscando perceber, não só esses objetos, mas também suas condições de produção e circulação, os sujeitos produtores e receptores, os padrões, isto é, as visões de mundo de uma dada sociedade onde circula a cultura, bem como as agências de produção, isto é as “instituições ou instâncias que ensinam ou possibilitam a circulação do escrito em certas épocas e em certos locais”.

Dois nomes de grande relevância para essa nova visão de história são: Michel de Certeau e Roger Chartier, este por se ocupar das relações entre cultura oral e escrita e aquele por decodificar regras culturais através do cotidiano: da interdependência ente práticas e representações, discursos.

A dimensão cultural aqui contemplada mantém o foco numa prática de escrita não canônica, desenvolvida numa instituição extraoficial por sujeitos alocados à margem por seus contemporâneos e por uma tradição historiográfica conservadora. A proposta aqui apresentada pertence a um campo de estudo interdisciplinar, a História da Cultura Escrita, que lida principalmente com as noções da História Cultural e dos estudos de Linguística Histórica.

## 1 A Sociedade Protetora dos Desvalidos

Fundada por africanos em 16 de setembro de 1832, a Sociedade Protetora dos Desvalidos – SPD<sup>2</sup> – caracterizou-se, a partir de 1835, como uma irmandade necessariamente integrada por negros brasileiros (designados crioulos) forros ou livres. Era um nicho social, de cunho religioso e assistencialista, inserido num sistema ainda escravagista: seus membros tinham de se converter ao catolicismo (mesmo que *pro forma*) e as mensalidades, chamadas de “joias”, eram revertidas em auxílio a familiares órfãos, viúvas e possivelmente em cartas de alforria. O que a singulariza é que ela é uma das poucas remanescentes ainda hoje, 179 anos depois, de um conjunto de irmandades que abrangia, no início do século XIX, “85% da população adulta livre soteropolitana”. (MATTOSO, 1992, p. 400- 401)<sup>3</sup>

Desta importante irmandade, foi localizado em 2000 por Oliveira (2007, 2009)<sup>4</sup> um acervo documental expressivo, do qual faz parte um livro com 1.278 matrículas<sup>5</sup> de sócios. A partir dos dados constantes nessas matrículas: nome, filiação, idade, profissão, estado (civil), cor e naturalidade e data da matrícula (dia, mês e ano), são feitas as seguintes questões: quais padrões antroponímicos podem ser encontrados entre os membros da Sociedade Protetora dos Desvalidos (SPD)? De que modo esse estudo poderia contribuir para o resgate dos nomes dos principais difusores e formatadores do Português Brasileiro? E qual seria o perfil social dos integrantes da SPD?

---

<sup>2</sup> Em conformidade com a Lei nº 10.406 de 10 de janeiro de 2002 (novo Código Civil), a Sociedade Protetora dos Desvalidos modificou sua denominação de Sociedade para Associação, mas a sigla SPD.

<sup>3</sup> MATTOSO, Katia (1992). *Bahia, século XIX – uma província no Império*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira *apud* LOBO & OLIVEIRA (2007).

<sup>4</sup> Oliveira não foi o primeiro estudioso a trabalhar com o acervo documental da SPD, contudo foi o primeiro linguista a revelar a importância de tal documentação para a reconstrução da história do português brasileiro.

<sup>5</sup> As analisáveis, não danificadas, computam 1.270.

Sobre os nomes dos integrantes da SPD – que podem funcionar como amostra de um comportamento antroponímico, no tocante aos negros, mais geral na sociedade brasileira do período contemplado, isto é, de 1881<sup>6</sup>-1987 –, supõe-se que antes da Abolição da escravatura (1888) sejam mais conservadores, sobretudo nomes latino-cristãos e germânicos (conforme admitido pela Igreja inicialmente para os *rebatismos*<sup>7</sup> de escravos recém-chegados a terras brasileiras) e que se distanciem disso com o passar do tempo, algo permitido pela incorporação inovadora de nomes de outras origens (por empréstimo), bem como pela criação de novos nomes através dos processos mórficos (de composição e derivação) disponíveis na própria língua portuguesa.

## 2 A Pesquisa

Vítimas de um processo de expropriação contínua, nos mais diversos aspectos, os africanos escravizados também tiveram apagados os seus nomes próprios: foram designados com nomes da tradição latino-cristã e germânica. O que se pretende investigar é o modo como, com o passar do tempo, esses nomes – que ajudaram esses negros a ressignificar o que antes era uma imposição, utilizando-os como ferramentas de recuperação identitária e de prestígio social – foram apropriados por esses mesmos negros.

Um esforço nesse sentido foi realizado pelo historiador da cultura escrita Jean Hébrard, em seu artigo *Escravidão e denominação: imposição e apropriação de um nome entre os escravos da Bahia no século XIX*, que trabalhou com os nomes constantes nos registros de batismo da paróquia de Santo Antônio Além do Carmo de 1828-1878. As atas de batismo contavam com uma menção sumária do batizado, conforme ilustra Jean Hébrard (?p.39):

Constança Escr <sup>a</sup> Nagô	Aos vinte e quatro dias do mês de junho de mil oito centos vinte oito nesta Matriz de Santo Antonio além do Carmo baptizei e pus os Santos Óleos a Constança adulta Nagô escrava de Joana Maria da Cunha solteira. Foi padrinho Domingo escravo da mesma e para constar se fez este
--	---

<sup>6</sup> Não danificados, a partir de 1885.

<sup>7</sup> Em geral havia um primeiro batismo coletivo, feito na África, em que o escravo não recebia um nome, mas uma marca a ferro. O termo *rebatismo* se refere a um batismo posterior, ocasião em que os escravos eram nomeados.

	assento em que assinei Vigº João Manoel Guerreiro
--	--

A partir desse estudo, chegou-se a constatações preliminares: 1. Aos escravos, quando aqui rebatizados, era fornecido só um prenome, algo interpretado como um esforço da Igreja e da sociedade da época em mantê-los em estado inferior, infantil, pois adultos livres contavam com mais de um prenome e/ou com sobrenome; 2. Que esse proceder não foi o suficiente para impedir que alguns negros, ainda escravos, obtivessem nomes mais complexos; 3. E que os caminhos para a obtenção de alguns sobrenomes foi pela designação da devoção religiosa, outros pelas alianças matrimoniais informais, muito comuns então.

Este trabalho buscará avançar em relação ao de Hébrard no que diz respeito aos seguintes aspectos: 1) as fontes não serão registros de batismos, e sim matrículas de sócios de uma irmandade negra; 2) o grupo social contemplado também é diverso, não mais escravos, mas negros livres ou libertos; 3) o espaço social de escrita do nome não será a paróquia de Santo Antônio além do Carmo, mas a Sociedade Protetora dos Desvalidos; 4) o tempo recoberto pelo *corpus* será mais abrangente, não se restringindo ao século XIX, mas contemplando o período que vai de 1881 a 1987<sup>8</sup>.

Será um recorte analítico diferente sobre um acervo documental escrito, já examinado sob outros olhares, como o do exaustivo trabalho intitulado *Negros e escrita no Brasil no século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudos linguísticos*. (OLIVEIRA, 2006), tese de doutorado que trabalhou o *status* social do negro e sua relação com a escrita no referido período, efetuando inclusive uma análise fonético-fonológica, e o artigo *Escrita liberta: letramento de negros na Bahia do séc. XIX* (LOBO & OLIVEIRA, 2007), que, a partir da análise de uma série documental constituída por 332 dos requerimentos, traça o perfil social dos que se candidataram a sócios da SPD, a fim de “tornar mais visível a face dos que se letraram na Bahia do século XIX”.

## 2.1 Métodos ou técnicas de observação previstas

Como métodos de pesquisa, estão previstos:

---

<sup>8</sup> Futuramente, caso seja possível com outras fontes, todo o período de funcionamento da SPD, de 1832 até os dias atuais.

- I. Leitura e discussão de bibliografia básica referente aos seguintes tópicos:
  - a) Sócio-história do português brasileiro.
  - b) Léxico português em perspectiva histórica.
  - c) Léxico antroponímico português em perspectiva histórica.
  - d) História da escrita do nome próprio de pessoa.
  - e) História da escrita dos nomes de africanos e afro-descendentes em contexto colonial e de escravidão.
  
- II. A análise do *corpus* contemplará as seguintes etapas:
  - a) Pesquisa de cunho etimológico, buscando a origem dos nomes levantados a partir do confronto entre os dados extraídos do *corpus* e os dados fornecidos pelo *Dicionário etimológico da língua portuguesa: nomes próprios* (NASCENTES, 1952), pelo *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa* (MACHADO, 1981), pela Bíblia ou por obras do cânone literário luso-brasileiro, a fim de distinguir nomes dicionarizados e/ou atestados na Bíblia ou em obras do cânone literário luso-brasileiro – definidos como *tradicionais* – de nomes não dicionarizados e/ou não atestados na Bíblia ou em obras do cânone literário luso-brasileiro – definidos como *neológicos*;
  - b) Codificação dos dados com base nas seguintes variáveis socioculturais extraídas do registro de matrícula: *idade (data de nascimento anterior ou posterior à abolição), sexo, ocupação, cor, naturalidade* etc.

Com isso, poderá ser restaurada a atuação de um grupo da população brasileira que entre os séculos XVII e XIX era majoritário, consistia em cerca de 60% da população, sendo o principal difusor e formatador do português popular brasileiro, mas que contraditoriamente teve sua atuação silenciada, até mesmo pela dificuldade de localização de arquivos da natureza do que será explorado, pois aos negros foi negada a escolarização formal até meados do séc. XIX. (MATTOS e SILVA, 2004)

E esse resgate antroponímico será efetuado com o estudo do Livro de Matrículas, integrante da base de dados da SPD, uma amostra da escrita de africanos e seus descendentes – um achado valioso, na medida em que refuta a ideia generalizada da ausência de textos escritos por negros no período da escravidão suposta por uma tradição de estudiosos. É um estudo partícipe de um esforço coletivo do projeto “Escrever entre os seus: o acervo documental da

Sociedade Protetora dos Desvalidos”, filiado à linha de pesquisa “História da Cultura Escrita no Brasil” na qual atuam pesquisadores do PROHPOR (“Programa para a história da língua portuguesa”).

## 2.2 Objetivos da Pesquisa

Partindo do estranhamento da ausência histórica de nomes de origem africana no léxico antroponímico brasileiro, nomes de um segmento tão importante para a difusão e configuração do português popular brasileiro, conforme Mattos e Silva (2004), será feito, a partir da análise do acervo documental da SPD, este trabalho, intitulado **Presença crioula – antroponímia e perfil socioeconômico dos integrantes da Sociedade Protetora dos Desvalidos**, cujos propósitos gerais são os seguintes:

1. Adensar o campo de estudos da Onomástica no Brasil, com referência ao segmento afrodescendente, grupo social que mais contribuiu para a difusão espaço-temporal da língua portuguesa no Brasil, para isso rastreando os padrões antroponímicos dos membros da SPD;
2. Contribuir para o desenvolvimento de duas vertentes de investigação do programa de pesquisa da linha “História da Cultura Escrita no Brasil” – a saber, *Prospecção de acervos escritos de Irmandades Negras, de Mestiços e de Terreiros de Candomblé no Brasil* e *A escrita do nome próprio de pessoa na história do Brasil: os nomes dos africanos, índios e seus descendentes*.
3. Permitir a visualização mais nítida do perfil socioeconômico do segmento afrodescendente de Salvador, do final do século XIX ao final do século XX, via perfil social dos membros da SPD, o que pode auxiliar na construção de um novo olhar sobre a atuação dos negros para a História da Cultura Escrita no Brasil. Com isso, poderá ser preenchida uma lacuna histórica, no tocante a respostas a perguntas do tipo *quem* foram esses negros? e ainda: que *papel social* desempenhavam?, quebrando assim “o silêncio que se instala por muitíssimos anos” sobre esse segmento. (HÉBRARD, p. 63).

## REFERÊNCIAS

BARROS, José D' Assunção. A História Cultural e a Contribuição de Roger Chartier. Revista Diálogos, DHI/PPH/UEM, v.9, n.1, p125-141, 2005.

HÉBRARD, Jean (2003). Esclavage et dénomination: imposition et appropriation d'un nom chez les esclaves de la Bahia au XIXe siècle, *Cahiers du Brésil Contemporain*, Paris, n. 53/54, p. 31-92. (Texto traduzido por Tânia Lobo e Sônia Borba Costa).

LOBO, Tânia; OLIVEIRA, Klebson (Orgs.) (2009). *África à vista: dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do século XIX*. Salvador : EDUFBA,. p. 06-49.

LOBO, Tânia; OLIVEIRA, Klebson (2007). Escrita liberta: letramento de negros na Bahia do séc. XIX. In: CASTILHO, Ataliba de *et alii*. (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes. p. 437-460.

MACHADO, José Pedro (2003 [1981]). *Dicionário onomástico etimológico da língua portuguesa*. 3 vols. Lisboa: Horizonte/Confluência.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (2004). *Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro*. São Paulo: Parábola.

NASCENTES, Antenor (1952). *Dicionário etimológico da língua portuguesa: nomes próprios*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

OLIVEIRA, Klebson (2006). *Negros e escrita no Brasil no século XIX: sócio-história, edição filológica de documentos e estudos linguísticos*. Salvador. Tese de doutorado. p.138-162.

SOCIEDADE PROTETORA DOS DESVALIDOS (EXTRAS). Disponível em: <<http://www.spd.org.br/extras.html>>. Acesso em: 04 de outubro de 2011.